



JOSÉ ANTÔNIO BANDEIRINHA

ARQUITECTURA A PRAÇA DA AUTONOMIA, PEDAGOGIA, EPISTEMOLOGIA, PENSAMENTO CRÍTICO

CONFERÊNCIA ARQUITECTO MARQUES DA SILVA 2014

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

CONFERÊNCIA ARQUITECTO MARQUES DA SILVA

 2014

FUNDAÇÃO
MARQUES
DASILVA

APOIO



RESPEITANDO A VONTADE EXPRESSA DO AUTOR A PRESENTE EDIÇÃO NÃO SEGUE A GRAFIA DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

**ARQUITECTURA
A PRAÇA DA AUTONOMIA
PEDAGOGIA,
EPISTEMOLOGIA,
PENSAMENTO CRÍTICO**

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA



████████████████████

O texto que aqui se apresenta propõe uma reflexão sobre a autonomia da Arquitectura. Embora a incidência dessa reflexão seja sobre o momento presente, convocar-se-ão, essencialmente, argumentos de ordem histórica, que possam ajudar a perspectivar as bases, mais ou menos profundas, da circunstância contemporânea. Os seus propósitos prendem-se com uma sessão de abertura de um seminário, ou de um ciclo de aulas, uma introdução, portanto. Nesse sentido, há algumas menções, e até mesmo algumas ilações, que deverão ser entendidas na sua condição de "Cavalo de Tróia", uma espécie de hipertexto a ser explorado mais tarde, em outras sessões sequenciais.

Na contemporaneidade, as bases da autonomia da Arquitectura não se perfilam de modo sistemático, progressivo, não se equivalem em escala e são, por isso, de difícil comensurabilidade. Para além disso, também não se enquadram em jogos de equivalência harmónica, são urdidas em tecido espesso, embora de malha irregular e de acordo com padrões muito díspares, construídos ao longo do tempo em circunstâncias históricas igualmente diversificadas.

Tal como numa cidade, essas bases sobre as quais assenta a ideia contemporânea de autonomia cruzam-se com outros tecidos, com outras áreas do saber, mais ou menos convergentes, mais ou menos distantes. Por essa razão, é a própria metáfora da cidade a ser usada como recurso para enquadrar essa complexa textura de contribuições para o entendimento da autonomia da Arquitectura, na actualidade.

Mas as formas pelas quais se dá corpo a esta ambição autonómica são muitas vezes implícitas, inomináveis. Tal como em qualquer outra matriz ontológica, o inexplicável e o que se considera subjacente, aquilo de que não se fala porque não é necessário, desempenha um papel decisivo. Embora com a consciência do peso dessas formas na construção de uma ideia identitária da autonomia, não serão usadas neste texto porque podem encerrar demasiados riscos. A sua fortuna pedagógica reside precisamente na condição implícita, se as tornamos explícitas deixam de constituir matéria didáctica clara, esse é um dos principais riscos. Trataremos, então, dos princípios constituintes da autonomia, mas daqueles que têm aflorado de um modo explícito, assumido.

Agrupá-los-emos de acordo com três ordens temáticas, que não se referem tanto à incidência como à origem, ou seja, o modo de os agrupar pretende ser opera-

tivo, pretende sistematizar aquilo que talvez não seja sistematizável, e, como tal, assume o risco eventual de tornar estanque aquilo que se deve entrelaçar. Creio, no entanto, que por uma questão de compreensão, de problematização e de consequente potencial pedagógico, vale a pena ordená-las pelo seu significado original, pelo modo como emergiram, não tanto pelo modo como foram recebidas. Tomar-se-ão então três ordens de contribuições, que se erigiram também como bases para o que entendemos contemporaneamente como autonomia.

Associar-se-á a cada uma destas ordens uma personalidade. A escolha dessa personalidade não se prende com critérios de classificação, numa escala da importância do contributo dessas mesmas personalidades para a compreensão do tema, nada disso! A escolha dessas personalidades está associada ao modo como elas — ou, antes, ao modo como as contribuições teóricas e práticas da obra de cada uma delas — se instalam num patamar central de identificação dos caminhos, já percorridos ou a percorrer, em direcção à compreensão da ideia de autonomia da Arquitectura ou, num universo mais vasto, da própria ideia de autonomia.

E essa associação é de tal modo natural, que se torna impossível, em meu entender, perceber se as referidas personalidades foram escolhidas de modo a ilustrar os temas, ou se, por seu lado, são os temas que são seleccionados em função da acção das personalidades predeterminadas. Eis, desde logo, uma primeira ambiguidade, das muitas que se podem tornar caras à essência emancipadora das questões a tratar nesta lição.

Mas vamos às ordens temáticas, a primeira é a pedagogia. Não se pode duvidar da importância das especificidades inerentes ao ensino da Arquitectura para a construção de uma ideia disciplinar autónoma. É nesse ponto de aprendizagem que têm lugar os rituais inerentes à construção de uma ideia de autonomia, que virá depois a ser (ou não) consolidada ao longo da carreira. Por isso mesmo, devemos começar com a pedagogia.

PARTE 1

FERNANDO TÁVORA, A RUA DA PEDAGOGIA.



FIG.1 FERNANDO TÁVORA (1923-2005).

Há, portanto, uma linha pedagógica que conduz a um entendimento autónomo da coisa arquitectónica. Autónomo, segundo duas perspectivas. Em primeiro lugar porque encara a prática arquitectónica como o centro da aprendizagem, em segundo lugar, porque, mais do que o desenvolvimento do conhecimento na área em questão, propõe uma visão própria, um entendimento específico da realidade que é condicionado pela vontade inerente à sua transformação.

Fernando Távora (1923-2005) reflectia, em 1952, sobre as constantes que há na Arquitectura, categorias que resistem à dimensão contextual do tempo, que se destacam nessa sua trans-temporalidade precisamente porque jogam com o tempo, são modernas, foram sendo contemporâneas.

Em 1960, a sua viagem à volta do mundo inicia-se nos Estados Unidos, num território sem tempo, sem a revalorização constante da memória, aparentemente sem matéria para confrontar a tradição com o presente.

Depara-se com o Classicismo todo-o-terreno das arquitecturas públicas e com a enorme fé, religiosa e cega, na sistematização tecnológica herdada do primado do positivismo de raiz anglo-saxónica, impressiona-se.

Internamente, os Estados Unidos estavam já a consolidar, em 1960, o processo produtivo, amadurecido pelas sucedidas experiências da taylorização e do fordismo, e iniciavam a aceleração em direcção ao incentivo ao consumo e à consequente expansão dos mercados, experiências que a Europa mais rica nunca tinha conseguido pôr em prática, dadas, entre outras circunstâncias, as conflituosas tensões bélicas em que vivera permanentemente. Em Portugal, nem sequer em sonhos se vivia o sonho americano.

Na verdade, — mesmo nos meios universitários que frequentou, que constituíam o objectivo expresso da bolsa que lhe permite a viagem — o que impressiona Távora é o excessivo esquematismo da relação entre o conhecimento, a cultura, a ciência, a técnica e a produção, uma relação univocamente eficaz, mas segregadora, uma relação na qual a dimensão cultural das coisas do mundo desempenha um papel liminarmente circunscrito, no espaço e no tempo¹, como, de resto,

¹ “(...) Mais do que em qualquer outra parte eu sinto aqui os Museus como coisa colada, aparte a uma sociedade, qualquer coisa assim como um Rembrandt em casa de um carnicheiro rico(...)”:
Fernando Távora, *Diário “de bordo”*, Álvaro Siza (Coordenador); Rita Marnoto (Editor), Porto, Casa da Arquitectura, 2012, p. 104.

Távora não se farta de comentar. Essa segregação impressiona-o sobretudo pelos contrastes e hiatos que provoca no todo contínuo do espaço, do território e das suas arquitecturas.

O que o impressiona é, enfim, a desenfreada separação das coisas, que provoca descontinuidades terríveis numa realidade que é sempre — ou se quer sempre — contínua.

Fora a partir do Porto, dos seus mestres, dos seus colegas arquitectos, da sua escola, que Távora lançara as bases para o conhecimento de um mundo mais interiorizado — os espaços rurais da região e do país — e de um mundo mais exteriorizado — desde o aceso debate internacional no seio dos CIAM e da UIA até ao mundo mais distante que (re)conhece no périplo que abre a década de 1960. E é esse conhecimento que faz reverter de modo inclusivo, mas não literal, para a sua prática arquitectónica, para as suas obras.

A questão do tempo é marcante. A história deixa de ser o quadro estático, do qual os historicistas tiravam e punham os pedaços que mais lhes interessavam. Perante a violência das marcas recentes da guerra, o mito do aniquilamento do passado já não era também credível, a *Europa não tem remissão se o seu destino não for posto nas mãos de gentes verdadeiramente “contemporâneas” que sintam debaixo de si palpitar todo o subsolo histórico, porque o passado, se se abandona, volta, volta irremediavelmente. Por isso a única autêntica separação é não o abandonar [...] é em suma, viver “à altura dos tempos”, com hiperestésica consciência da conjuntura histórica*, como diria Ortega y Gasset, esse pensador que Távora viria a acolher no quadro das suas sintonias filosóficas². A utilização da história é, para os arquitectos do Movimento Moderno um pressuposto natural na fundamentação de um método de raiz racionalista, mas Távora evolui nesse pressuposto envolvendo-o num contexto de ordem culturalista que o faz mergulhar numa solução transdisciplinar. A história, a matemática, a geografia, a literatura, a filosofia e as ciências sociais deixam de ser contributos sistemáticos coordenados por um vasto programa que requer especializações imperiosas e cada vez mais “exactas”³, para se passarem a assumir como *circunstância* dialéctica da arquitectura.

Távora regressa e, após uma década em que partilha a dedicação ao ensino com a prática da Arquitectura, assume a orientação pedagógica da escola de Belas Artes

² Paráfrase de José Ortega y Gasset, *La Rebelión de las Masas*, Madrid, Espasa-Calpe, 1969, pp.94-95. *La Rebelión de las Masas* é, de resto, uma influente referência de um ensaio que Fernando Távora escreveria mais tarde, *Da Organização do Espaço*.

³ Le Corbusier, *Maneira de Pensar o Urbanismo*, Lisboa, Europa-América, 1977, p.19.

do Porto, com o apoio dos estudantes. A centralidade curricular da prática é uma das pedras angulares dessa orientação, reforça-se o caudal do *corpus* teórico, sim, desde que conflua na prática consciente, ética e continuada.

A ideia — presente na Reforma de 1957 — que o conhecimento em Arquitectura pudesse ser “fornecido” através de um somatório de matérias especializadas, oriundas de áreas do saber universitário mais ou menos confluentes, e depois se “acondicionasse” nos estudantes sob a forma de perícia profissional e técnica, é liminarmente recusada. A pedagogia da Arquitectura pressupõe, antes de mais, um entendimento inclusivista da condição material, social e temporal das coisas do mundo. Não se compadece com especialismos, com perspectivas de fomento tecnológico ou de desenvolvimento abstracto da ciência pela ciência. Tem de estar aberta, em primeiro lugar, à permanente reconstrução do seu próprio *ethos*. Um *ethos* ancestral cristalizado na Polis grega, consubstanciado por Vitruvius, em Roma, no início da nossa era, um *ethos* que Alberti fixou para a modernidade e Ledoux traduziu para a complexa e mutante linguagem das transformações sociais. A pedagogia da Arquitectura deve estar ancorada na *praxis* da História, em primeiro lugar pela materialidade inerente ao próprio objecto de estudo, depois, pelos desígnios éticos que são devidos à capacidade transformadora da própria disciplina. Não é o desenvolvimento técnico abstracto que a move, muito menos o são ideologias deterministas a-culturais ou a-históricas, são objectivos precisos de transformação do mundo, tão precisos quanto o pode ser um projecto, embora de contornos permanentemente harmonizáveis com as complexidades da condição do presente.

É essa via pedagógica, fortemente ancorada na continuidade das tradições clássicas, mas simultânea e concomitantemente ávida da transformação do futuro, que Távora vai perseguir como método, e é com ela que vai construir uma das mais prestigiadas escolas europeias, seguramente a mais prestigiada de Portugal — a Escola do Porto. E isso fê-lo em contraciclo, precisamente no momento em que muitas escolas estavam, também por reacção à força hegemónica dos resquícios do Movimento Moderno, a diluir os conteúdos tidos como centrais da disciplina em muitas outras frentes disciplinares, mais científicas, mais tecnológicas, ou mais voltadas para a Sociologia.

[14]



FIG.2 WASHINGTON DC, DIAPOSITIVO DE FENANDO TÁVORA TIRADO NO TOPO DO WASHINGTON MONUMENT MOSTRANDO O NATIONAL MALL E O CAPITÓLIO, 1960.

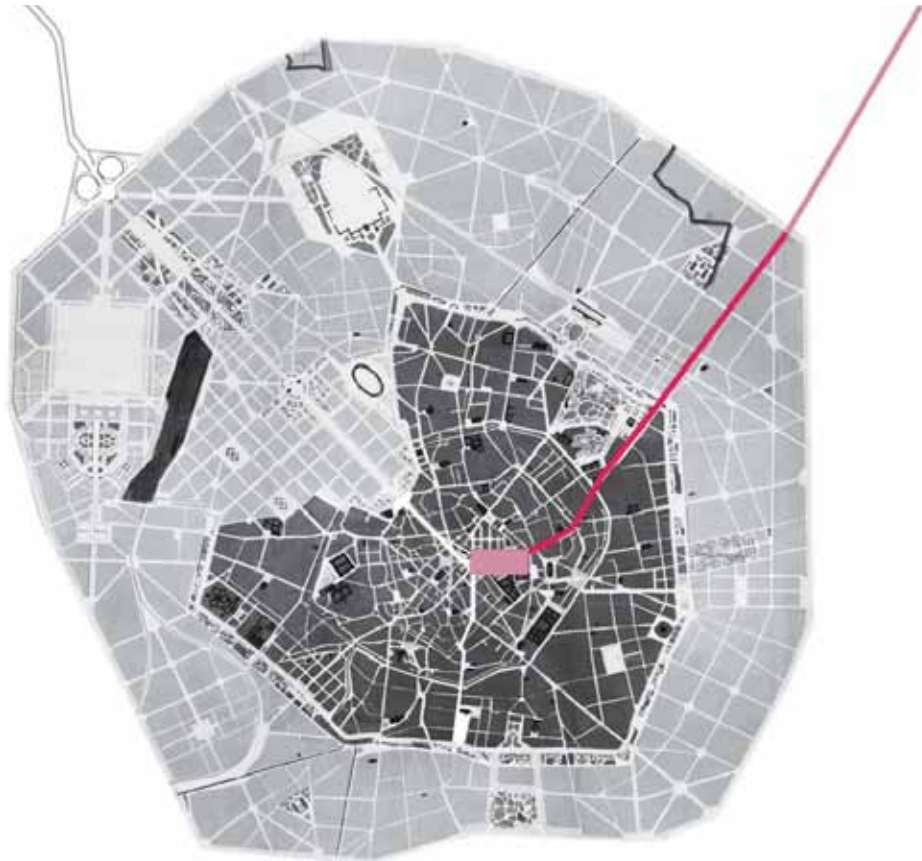


FIG.3 A RUA DA PEDAGOGIA, ANTIGA VIA *PÆDAGOGICA*, QUE LEVA À PRAÇA DA AUTONOMIA.

[16]

É com essa escola que a Arquitectura vai entrar na Universidade, em 1983, sintomaticamente dois anos antes da entrada de Portugal na Europa política e económica. É com ela que vai fazer frente aos crescentes perigos inerentes à contaminação com o ensino superior das tecnociências, ou seja, à *barbárie do especialismo*⁴, tal como o próprio Távora refere no discurso de tomada de posse da Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Retomando a metáfora da cidade, e da sua estrutura, a via que através da pedagogia conduz à autonomia da Arquitectura assemelha-se a uma rua muito antiga, vestígio de velhas estradas, que penetra bem no centro e parece não ter fim, que marca o eixo gerador de tantas outras ruas, uma rua que se distingue dos tecidos urbanos envolventes, não pela escala do seu perfil transversal, mas pelo comprimento, pela perseverança do traçado.

⁴
Outra paráfrase de José Ortega y Gasset, *Op. Cit.*, expressão que relaciona uma concepção desenvolvida no Capítulo XII da obra.

PARTE 2

EMIL KAUFMANN, O BOULEVARD DA EPISTEMOLOGIA.



FIG.4 EMIL KAUFMANN (1891-1953).

⁵ Uma visão sucinta das contribuições para o desenvolvimento do conceito de “autonomia” na arquitectura do Movimento Moderno pode ser encontrada em: Anthony Vidler, *Histories of the Immediate Present: Inventing Architectural Modernism, 1930-1975*, Proefschrift ter verkrijging van de graad van doctor aan de Technische Universiteit Delft, 2005, pp. 22-23.

⁶ Emil Kaufmann, *Von Ledoux bis Le Corbusier Ursprung und Entwicklung der Autonomen Architektur*, Viena/Leipzig, Rolf Passer, 1933 (A edição que se utilizou foi: *De Ledoux à Le Corbusier Origine et Développement de l'Architecture Autonome*, Paris, Éditions de La Villette, 2002 [Traduction de l'Allemand de Guy Ballangé avec la collaboration de Ruth Ballangé])

Passemos de seguida a outra das ordens temáticas que contribuem para a autonomia da Arquitectura: a da epistemologia, ou seja, aquela que, não se constituindo em condição apriorística, como a pedagogia, se desenvolve precisamente a partir do lado do enquadramento histórico das práticas arquitectónicas, sobretudo do sentido predominantemente evolutivo que epistemologicamente lhes está subjacente. São inumeráveis os vestígios que daí se podem deduzir. De todas essas linhas de desenvolvimento que conduzem à ideia de autonomia, uma das mais significativas, pelo que diz respeito à circunstância contemporânea⁵, está associada à obra do historiador austríaco Emil Kaufmann (1891-1953).

Ao estudar aturadamente a obra de Claude-Nicolas Ledoux (1736-1806), Kaufmann identifica, num texto de 1933⁶, o nascimento de uma *Arquitectura autónoma*. O sentido de autonomia que o historiador vienense associa à obra de Ledoux não tem, contudo, uma conotação directa com a identidade disciplinar, mas antes um sentido que verte para a prática da Arquitectura, quer do ponto de vista metodológico, quer do do resultado final, da obra em si mesma. A autonomia que Kaufmann identifica na obra de Ledoux é representada por modos de expressão que se libertam conceptualmente dos usados ao longo dos períodos anteriores, autonomizam-se dos cânones formais fixados no Renascimento e desenvolvidos no Barroco, autonomizam-se também na dinâmica de composição dos elementos construtivos — as partes de edifícios passam a ser autónomas entre si, os edifícios passam a ser autónomos em relação ao conjunto — e autonomizam-se ainda da história, da tradição, porque passam a poder procurar as formas de um modo autónomo, ou seja, sem a obrigatoriedade de evoluir exclusivamente a partir dos modelos clássicos.

Nasce assim a *Beauté* autónoma, que frutificaria pedagogicamente ao longo do Século XIX e conduziria às ideias de sublimação radical do pressuposto da tradição tratadística e do ornato. Conduziria ao início de uma outra tradição, a Berlage, a Loos e, sobretudo, a Le Corbusier e ao Movimento Moderno, tradição essa que, por sua vez, seria revertida para a ribalta da história pela mão e pelo *engagement* progressista do historiador que era Emil Kaufmann.

Subjaz, porém, ao trabalho crítico de Kaufmann, uma outra ideia de autonomia, que advém em grande medida da circunstância biográfica do próprio Ledoux⁷.

Claude-Nicolas Ledoux, o arquitecto de origens modestas, que se começa a distinguir pelos favores dos seus patronos, que se torna o arquitecto preferido da célebre Madame du Barry (1743-1793), favorita de Luís XV, que vai obtendo benefícios de diversa índole, o mais significativo dos quais é ter sido nomeado *Commissaire aux Salines de Franche-Comté, Lorraine et Trois-Évêchés*, que depois de algumas tentativas mal sucedidas, só em 1773, já com uma carreira relativamente avançada, obtém o estatuto de membro de segunda classe da *Académie d'Architecture*, que consegue ver construído o seu projecto para as barreiras fiscais de Paris, um ano antes da Revolução, que tenta publicar os seus escritos sempre sem sucesso nos anos que se seguem a 1789, que acaba por ser preso, em 29 de Novembro de 1793, dadas as suas cumplicidades com algumas personalidades chave do *Ancien Régime*, que é libertado cerca de um ano depois, na sequência da queda de Robespierre (1793-1794). Claude-Nicolas Ledoux vai compilar os seus trabalhos e imprimir o fantástico álbum *L'Architecture considérée sous le rapport de l'art, des moeurs et de la législation*, cujo primeiro volume publicará só em 1804. Claude-Nicolas Ledoux não era um revolucionário, no sentido estrito de pensamento e da acção política, viveu bem até à Revolução com esse estatuto de intelectual, filho da burguesia, que obtinha os favores dos mais poderosos por mérito também do seu enorme talento, sem ambicionar muito mais do que essa imensa felicidade de poder ver a sua obra construída e realizada. Não questionava sequer o *status* do *Ancien Régime* e, no seu Estado ideal, esse *status* permanecia, no essencial, intacto. A principal mudança seria precisamente... no acesso à Arquitectura, ou seja, cada membro da nova sociedade deveria ser investido com os saberes essenciais inerentes à Arquitectura, do mais humilde pastor até ao mais poderoso príncipe⁸. E contudo, quando nós pensamos numa arquitectura da Revolução, associamos imediatamente às pranchas, aos edifícios e aos espaços projectados por ele.

Também nesse sentido, portanto, se evidencia a ideia de autonomia da Arquitectura, perfeitamente revolucionária dentro da sua própria esfera de compreensão, mas idealizada num contexto social avesso à ferocidade da luta política.

⁷ Para uma compreensão cabal das complexidades inerentes à biografia de Ledoux, Vd. Anthony Vidler, *Claude Nicolas Ledoux Architecture and Utopia in the Era of the French Revolution*, Basel/ Berlim/ Boston, Birkhäuser, 2006.

⁸ Cf. *Idem*, p. 23.

No limite, podemos até romanticamente imaginá-lo a desenhar uma das suas maravilhosas pranchas da cidade ideal de Chaux no ambiente piranesiano das masmorras da Revolução.

É precisamente nesse sentido que Sigfried Giedion (1888-1968) afirma que a Arquitectura pode vir a ser convocada por toda a espécie de condições externas, mas uma vez que “aparece”, constitui sempre um organismo em si, com o seu carácter e a sua vida, próprios e contínuos. O seu valor não pode ser afirmado nos termos sociológicos ou económicos pelos quais explicamos a sua origem, e a sua influência poderá sempre continuar, mesmo depois de alterados, ou extintos, os seus contextos originários. Giedion afirma que a Arquitectura pode vingar para além do período da sua origem, para além da classe social que promoveu a sua existência, para além do estilo a que pertence⁹.

Voltemos então a Kaufmann, independentemente desse seu impulso de cristalização da história emergente do Movimento Moderno, o certo é que o seu trabalho precoce vem influenciar de sobremaneira estudos posteriores.

Walter Benjamin (1892-1940), em *Das Passagen-Werk*, cita-o quando se refere à arquitectura do período revolucionário¹⁰. No âmbito da Teoria da Arquitectura, e em particular no que diz respeito à autonomia, a influência de Kaufmann vai inebriar vários contributos subsequentes, de entre os quais se destacam, pela proximidade temática e temporal, os de Georges Teyssot (1946)¹¹ e de Anthony Vidler (1941)¹².

Teyssot, num texto do início da década de 1980, incide sobre a defesa kaufmanniana da autonomia enquanto tentativa de moralizar as intenções artísticas do Neo-classicismo, inscrevendo tal atitude no contexto “formalista” da escola vienense de História de Arte. Acrescenta ainda que a crítica mais contemporânea não se conseguiu libertar ainda dessa ideia de autonomia, um tema obsessivo, no seu entender, quer para a historiografia, quer para a prática arquitectónica¹³. Mas Teyssot contribui de forma decisiva para a compreensão das características críticas de Kaufmann ao demonstrar a relação de aproximação entre as categorias moral e estética na sua obra, ou seja, Teyssot divulga um outro ensaio do crítico vienense, na qual ele afirma o nascimento da Arquitectura autónoma com Ledoux, e estabelece um surpreendente paralelismo com a rejeição kantiana das filosofias morais do passado, substituídas pela *autonomia da vontade enquanto supremo princípio da ética*¹⁴.

⁹
Sigfried Giedion,
*Space, Time and Architecture The growth of
a new tradition*, Cambridge Mass./ London,
Harvard University Press, 2008, pp. 19-20
(1ª. Ed. 1941).

¹⁰
Walter Benjamin,
The Arcades Project [transl. by Howard Eiland
and Kevin MacLaughlin], Cambridge, Mass./
London, The Belknap Press of Harvard University
Press, 1999.

¹¹
Georges Teyssot,
“Neoclassical and ‘Autonomous’ Architecture:
the Formalism of Emil Kaufmann”:
Andreas C Papadakis, *AD Architectural Design*,
51, 6/7, 1981, pp. 25-29.

¹²
De Anthony Vidler há um imenso filão de textos e
ensaios sobre esta questão. Serão aqui usados os
seguintes: “Asylums of libertinage Sade Fourier
Ledoux”: *Lotus International*, 44, 1984, pp. 28-40;
Claude Nicolas Ledoux *Architecture and Utopia in
the Era of the French Revolution*,
Basel/ Berlin/ Boston, Birkhäuser, 2006.
A propósito da questão da autonomia em si
mesma: “The Third Typology”: *Oppositions*, 7,
1977, pp. 1-4; para além do já citado *Histories
of the Immediate Present: Inventing
Architectural Modernism*.

¹³
Georges Teyssot, *op. cit.*, p.29

¹⁴
Emil Kaufmann, “Die Stadt des Architekten
Ledoux”, *Kunstwissenschaftliche Forschungen*, II,
1933, pp. 131-160, apud, Georges Teyssot, *ib.*,
p.28. Vd. também, a este propósito, Tahl Kaminer,
*Architecture, Crisis and Resuscitation. The
reproduction of post-Fordism in
late-twentieth-century architecture*, New York,
Routledge, 2011, p. 78.

Mais recentemente, Tahl Kaminer (1970), fazendo uso de uma perspectiva de autonomia da Arquitectura que incide na ideia de objecto arquitectónico único, dependente da vontade e do génio do seu autor, constrói uma elaborada resenha do tema. Começando por considerar a autonomia da Arquitectura como decorrente da ideia de autonomia na arte, elabora um percurso que começa precisamente na visão kaufmanniana do Iluminismo, como medida potenciadora de uma legitimação para o Movimento Moderno, percorre as crises das décadas de 1960 e 1970 através dos contributos histórico-sociais de Tafuri (1935-1994) e das cruzadas regeneradoras da Tendenza italiana, sugere uma filiação entre as teorias de Kaufmann e de Rossi (1931-1997), mas separa peremptoriamente aquilo que são as obras dos arquitectos italianos dessa possibilidade relacional. Discorre também sobre a importância das chamadas “arquitecturas de papel” dessas mesmas décadas, enquanto crítica às forças que evitam a sua eventual concretização. Incide ainda sobre a importância dos escritos de Colin Rowe (1920-1999) e das obras dos *New York five* para a reabilitação da ideia de autonomia, porém, refuta sempre lucidamente a possibilidade absurda de uma autonomia absoluta. Percorre então o período cunhado por Derrida (1930-2004) como Desconstrutivismo, para finalizar com uma desiludida menção àquilo que considera como insucesso, ou mesmo inversão dos propósitos, por completa diluição nos sistemas de mercado imobiliário-arquitectónico. Segundo Kaminer, essa concepção de autonomia assente no mito de obra única, genial, quando se generaliza de modo global, banaliza-se a tal ponto que o próprio significado daquilo que designava por autonomia foi invertido. As obras não são mais autónomas, mas sim dependentes dos sistemas de mercado que as geram¹⁵.

Àcerca de Ledoux e da sua obra, Kaufmann frisava porém que uma subversão tão profunda como aquela que constitui a passagem do princípio da lei da heteronomia ao da lei da autonomia não pode ser fruto de inspiração cambiante do momento, e que a verdadeira questão, aquela que tudo esclarece, não é: *donde vem isto?*, mas antes: *para onde vai isto?*¹⁶

Anthony Vidler, por sua vez, tem vindo a desenvolver com grande profundidade esta questão da autonomia, quer a partir do estudo aturado da obra de Ledoux, quer a partir da questão em si mesma. No seu ensaio, “The Third Typology”, escri-

¹⁵
Cf. Tahl Kaminer, *Op. Cit.*

¹⁶
Emil Kaufmann, *Op. Cit.*, p. 61.

to inicialmente em 1977 para a revista *Oppositions*, mais tarde refeito e publicado em livro, Vidler escava ainda mais profundamente os alicerces da ideia de uma arquitectura autónoma e usa essas fundações para ultrapassar a questão, que Kaufmann tinha identificado, da autonomia do objecto/edifício em si mesmo, desligado dos sistemas de composição. Avança para o terreno da ontologia e propõe a identificação daquilo que chama uma terceira tipologia. Sendo a primeira tipologia aquela que se considera como uma iniciativa da ordem fundamental da natureza, a segunda aquela que privilegia critérios de economia e trata a Arquitectura como simples assunto do foro técnico, a terceira tipologia é então apresentada como se fosse uma espécie de “noivado” que estava a ser celebrado, não com uma natureza abstracta, não com uma utopia tecnológica, mas antes com a cidade tradicional e com o seu *locus* próprio. Essa terceira tipologia pode ser identificada com o trabalho daqueles que designa como os novos racionalistas, em particular com o de Aldo Rossi, de quem falaremos mais adiante. Afirma ainda que as características distintivas desta terceira tipologia se firmam na polis-cidade e nos seus múltiplos sentidos, não se firmam na coluna isolada, na cabana primitiva ou na máquina utilitária, e por essa razão são — sempre foram — políticas, na sua essência.

Independentemente das evoluções sequenciais da proposta de Kaufmann, de Giedion, de Vidler, de Teyssot, de Kaminer e de outros, e voltando à metáfora da cidade, esta ideia de autonomia proposta pelo historiador vienense instalou-se no universo da teoria com a firmeza e o sentido direccional com que um *Boulevard* se instala na cidade, abrindo comunicação directa pelos tecidos mais densos e possibilitando, através da alteração de escala e da axialidade estruturante, o desenvolvimento futuro de outros tecidos, mais francos e mais abertos. Sob o ponto de vista orgânico, é como um tronco, que se pode ramificar ou não, consoante a dinâmica de crescimento da cidade, consoante as necessidades inerentes a esse crescimento, mas é sempre largo, forte e espesso.

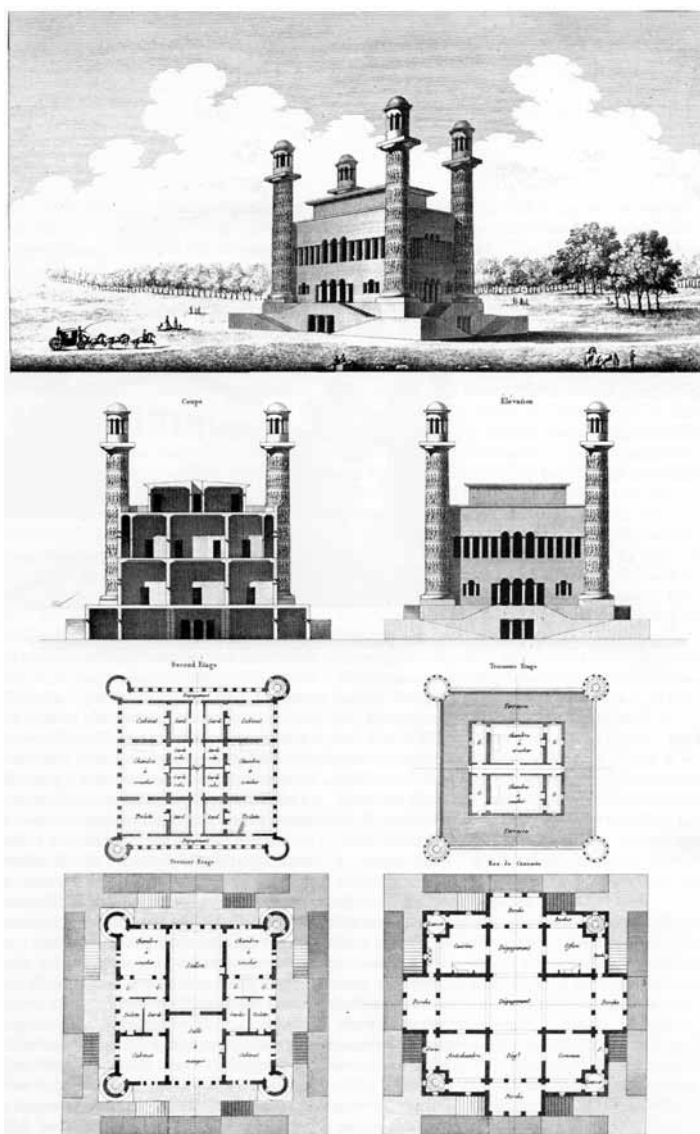


FIG.5 CLAUDE-NICOLAS LEDOUX, TEMPLO DA MEMÓRIA PARA A CIDADE IDEAL DE CHAUX, PERSPECTIVA, CORTE, ALÇADO E PLANTAS.

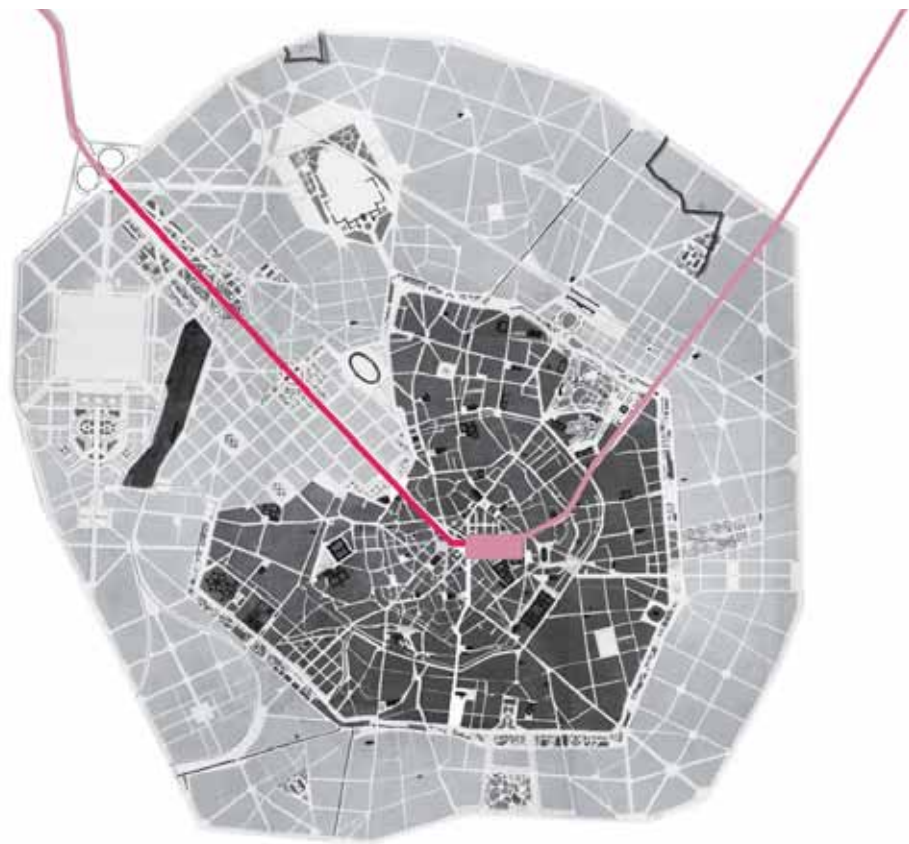


FIG.6 O PARKWAY DA EPISTEMOLOGIA E O BOULEVARD EPISTEMOLÓGICO, QUE TAMBÉM CONDUZEM À PRAÇA DA AUTONOMIA.

PARTE 3**ANTONIO GRAMSCI, A AVENIDA DO PENSAMENTO CRÍTICO.**

FIG.7 ANTONIO GRAMSCI, (1891-1937)

Passemos agora ao terceiro dos contributos temáticos, que se designou por Pensamento Crítico. Para o desenvolver, deve-se alargar o conceito que tem vindo a ser designado por autonomia da Arquitectura para o de autonomia, *tout court*.

Cornelius Castoriadis (1922-1997) filósofo, pensador crítico e psicanalista de origem grega, cuja vida se entrelaça nas pregas das lutas políticas e emancipatórias da Europa do Século XX, reflecte etimologicamente o sentido de *autonomos*, uma forma de ser que, de modo reflexo, oferece a si própria as leis do ser. Diferencia incisivamente essa concepção da autonomia kantiana, segundo ele demasiado agrilhoadada na Razão imutável, demasiado definitiva, portanto. Autonomia, do seu ponto de vista, é essa actividade reflexa de *uma* razão que se constrói a si própria num movimento permanente, quer como razão social, quer como razão individual. Desenvolve a partir daí uma ideia de projecto de autonomia, um projecto que se assume como condição da humanidade e que é permanentemente caracterizado como projecto histórico-social, uma vez que a história outra coisa não pode ser senão a história da auto-alteração das sociedades e dos processos sociais. Segundo Castoriadis, a hipótese de restaurar, de restituir, de reinstituir um papel autêntico para o intelectual na história é, primeiro que tudo e antes de mais, restaurar, restituir e reinstituir as suas funções críticas. O problema do desenvolvimentismo contemporâneo, associado àquilo que designa por *tecnociência*, reside num controlo anónimo, gerido por desígnios de quantificação absoluta que afasta sistematicamente o conhecimento das vontades das comunidades. Por um lado, sabe-se cada vez mais de cada vez menos, cada campo particular do saber está constantemente a diminuir, por outro lado, esse saber cada vez mais específico está cada vez mais afastado dos significados primordiais do conhecimento. Geram-se dogmas absolutos, tal como nalgumas religiões. Castoriadis afirma que ninguém, de entre os proponentes da tecnociência contemporânea sabe para onde quer ir, não do ponto de vista daquilo que eles designam por *conhecimento puro*, mas no que respeita ao tipo de sociedade em que desejariam viver, bem como do caminho que têm que percorrer até lá. É essa ausência de perspectiva que intensifica a relação entre o poder e o crescente potencial

da tecnociência e que, simultaneamente, a afasta cada vez mais das comunidades humanas contemporâneas¹⁷.

Algumas décadas antes, o pensamento de Antonio Gramsci (1891-1937), dada precisamente a sua condição histórica e geracional, não era ainda tão arrasador para a ciência contemporânea como o de Castoriadis. Embora condenando já, de certo modo, a idolatria pela ciência e pela técnica, tidas tantas vezes como uma espécie superior de *bruxaria*, Gramsci admite uma ciência cuja condição é ser anti-dileitante, mas à qual não se deve exigir demasiada *objectividade*, uma vez que essa dita *objectividade* é, frequentemente, uma construção ideológica, ou, pelo menos, uma *concepção do mundo* e, como tal, não lhe deve ser atribuído o estatuto de *dado científico*. A *verdade científica*, longe de ser definitiva ou peremptória, é, tal como a ciência em si mesma, uma categoria histórica, um movimento em evolução contínua¹⁸. Mas Gramsci põe o homem no centro do universo de motivações do conhecimento científico — *Senza l'uomo, cosa significherebbe la realtà dell'universo? Tutta la scienza è legata ai bisogni, alla vita, all'attività dell'uomo*¹⁹— e dá primazia absoluta ao *ponto de vista crítico*, o único que é fecundo na investigação científica; o que corresponde a compreender e valorizar realisticamente a posição e as razões do adversário — entendendo também por adversário todo o pensamento passado — e a libertar-se das prisões da ideologia, ou daquilo que veementemente classifica como *cego fanatismo ideológico*²⁰.

Mas, para os propósitos aqui expressos, interessam-nos, em particular, os temas que se desdobram a partir da ideia de intelectualidade autónoma²¹. A ideia de *intelectual orgânico*, ou seja, aquele que é gerado por cada nova classe que emerge, aquele ao qual corresponde uma especialização deduzida da divisão social do trabalho que essa própria classe vai estruturando. Gramsci abre o caminho para uma noção extremamente lata de intelectual, no limite não há nenhum homem que possa ser considerado não intelectual, e caracteriza de modo assaz específico cada uma das categorias conotadas com a matriz social da Itália sua contemporânea. Assim, o intelectual urbano e o intelectual camponês, o intelectual técnico de produção e o intelectual *tradicional*, bem como a relação de complexidade ontológica entre o intelectual e o *partido político*, ou os diversos graus de envolvimento, mais directo ou menos directo, com a superestrutura de domínio. Essa

¹⁷

A obra de Castoriadis expande-se por um vasto conjunto de textos críticos. Vd., para o que mais nos interessa neste propósito, *Philosophy, Politics, Autonomy Essays in Political Philosophy*, New York, Oxford University Press, 1991.

¹⁸

Antonio Gramsci, *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*, Roma, Editori Riuniti, 1975, pp. 64-65.

¹⁹

Idem, p. 65.

²⁰

Idem, p. 24.

²¹

Gramsci desenvolve o conceito no décimo segundo Caderno do Cárcere, Antonio Gramsci, *Le Opere La prima antologia di tutti gli scritti* (A cura di A. Santucci), Roma, Editori Riuniti, 1997, pp. 343-354. Gramsci escreveu os seus *Quaderni del Carcere* na prisão, entre 1929 e 1935.

relação não é imediata, mas antes mediada por todo o tecido social, por todo o complexo da superestrutura, e é essa mediação que *define*, por assim dizer, o seu grau de envolvimento mútuo²².

²²
Ibidem.

Mas Gramsci fala-nos também da autonomia da teoria em relação à prática, sobretudo em relação às práticas produtivas do capitalismo. Apresenta essas dependências como resíduos do mecanicismo, que tentam conceber a teoria como *complemento acessório* da prática, ou como serva dessa mesma prática, e argumenta que a imposição histórica desse problema de heteronomia constitui um aspecto da questão política dos intelectuais²³.

²³
Antonio Gramsci, *Il Materialismo Storico e la Filosofia di Benedetto Croce*, Roma, pp. 13-14. Editori Reuniti

Foi, na verdade e no essencial, o pensamento de Gramsci que preparou o terreno para um debate intenso sobre a noção alargada de autonomia, que veio depois a ter lugar em Itália, no final da década de 1960. Foi precisamente nessa altura que algumas das mais influentes personagens italianas da teoria da Arquitectura desenvolveram, por vias nem sempre convergentes, um também intenso debate sobre a autonomia da Arquitectura e sobre o seu resgate de um ambiente social, cultural e político cada vez mais cativo do determinismo tecnológico.

Aldo Rossi vai insistir na denúncia da relação directa entre o avanço tecnológico do desenvolvimento urbano e a decadência política da cidade. Manfredo Tafuri, por sua vez, vai desenvolver com os seus estudos uma visão da Arquitectura e da sua história fundamentada por uma aproximação relacional e sistemática à crítica ideológica. Congrega, em torno dos seus estudos e do seu magistério, em Veneza, um grupo de historiadores da arquitectura e de arquitectos que reflectem sobre a matéria arquitectónica numa base que vai progressivamente evoluindo da crítica ideológico-económica para a teoria do poder, sempre num terreno predominantemente culturalista.

Já no início deste século, Pier Vittorio Aureli (1973) estabelece a ligação entre estes diferentes nós, num texto do qual se destaca a clarividência da intersecção dos contributos para uma ideia de autonomia da Arquitectura²⁴, oriundos da cultura política e arquitectónica italiana dos últimos cinquenta anos.

²⁴
Pier Vittorio Aureli, *The Project of Autonomy*, New York, The Temple Hoyne Buell Center/ Princeton Architectural Press, 2008.

Partindo de uma análise acerca dos grupos autonomistas italianos dos anos 1960 — em especial os que se reuniram em volta da revista *Quaderni Rossi*, Raniero Panzieri (1921-1964) e Mario Tronti (1931) e o dirigente do grupo *Autonomia*

Operaia, Antonio Negri (1933) — Aureli estabelece pontes credíveis e documentadas com a actividade contemporânea de Tafuri e do seu grupo de Veneza, por um lado, e com a do milanês Aldo Rossi, por outro. Eram, na verdade, posições diferenciadas. Ambos ensinaram em Veneza, no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia*, Rossi entre 1963 e 1965, Tafuri começa a leccionar em 1968²⁵.

²⁵
Cf. *Idem*, pp. 13-14.

Para Tafuri, a crítica da ideologia desenvolvia-se em direcção a uma teoria do poder, que envolvia não só a política e a cidade, mas também a cultura e os factos económicos e era essa evolução que autonomizava radicalmente o pensamento crítico. Daí o início da sua carreira de estudioso, aprofundando os conceitos associados à *nova dimensão urbana* e às possibilidades da alternativa metropolitana — em 1963, num curso em Arezzo, Tafuri e Giorgio Piccinato (1935) vão desenvolver o conceito de *cidade-território* sobre o qual tinham teorizado um ano antes²⁶.

²⁶
Idem, p. 59.

Para Rossi, a possibilidade de autonomia ocorria como uma possibilidade de teoria, sim, mas uma teoria da reconstrução dos significados político, social e cultural dos fenómenos urbanos, definitivamente divorciada do determinismo desenvolvimentista das tecnologias. Contra a mistificação da utopia metropolitana, Rossi vai insistir na concretude dos artefactos urbanos, na arquitectura da cidade, numa cidade toda formada por políticas e por actividades humanas, em vez das categorias tecnológicas impostas pelos processos de análise tecno-urbana dos poderes capitalistas instalados e das suas forças aceleradoras de urbanização. É essa a condição de autonomia da cidade e essa condição, só o estudo e a análise da arquitectura lha pode conceder.

Para Aureli, portanto, há muito mais do que uma analogia acidental entre as ideias de autonomia de Aldo Rossi e as de Raniero Panzieri, ou de Mario Tronti, todas elas foram tentativas de desmistificar o desenvolvimento capitalista, opondo-lhe frontalmente a separação autónoma da cidade e da sociedade, ou seja, a sua complexa composição de arquitecturas diversas, antitética da redução ao denominador comum insistentemente proposto pelo desenvolvimento tecnológico.

Pier Vittorio Aureli oferece-nos, assim, uma perspectiva de autonomia da Arquitectura inserida na autonomia política, no seu entender, uma das consequências cruciais do neocapitalismo, na sua insistente cruzada para incluir todo o espectro social no sistema produtivo, é a transformação radical do trabalho intelectual²⁷.

²⁷
Idem, p.18.

A reacção da prática intelectual a essa tendência, prática arquitectónica incluída, não é viável no plano das formas, das estéticas, ou das materialidades, a verdadeira prática autónoma está na libertação da teoria. Esse é um caminho amplo, mas complexo, como explica Gramsci, um caminho nem sempre linear, aberto à compreensão dos inúmeros compromissos, mas sem se desviar um milímetro que seja da rota projectada, por eventual cedência a esses mesmos compromissos. Como se fosse uma avenida, uma avenida que vai sendo estruturada através dos tecidos ancestrais da cidade, que a eles se vai adaptando com arquitecturas diversas, mas sem nunca correr o risco de ser interrompida no seu propósito direccionado, seja por barreiras de ordem ideológica, tecnológica, económica, ou por todas elas em conjunto.

[29]

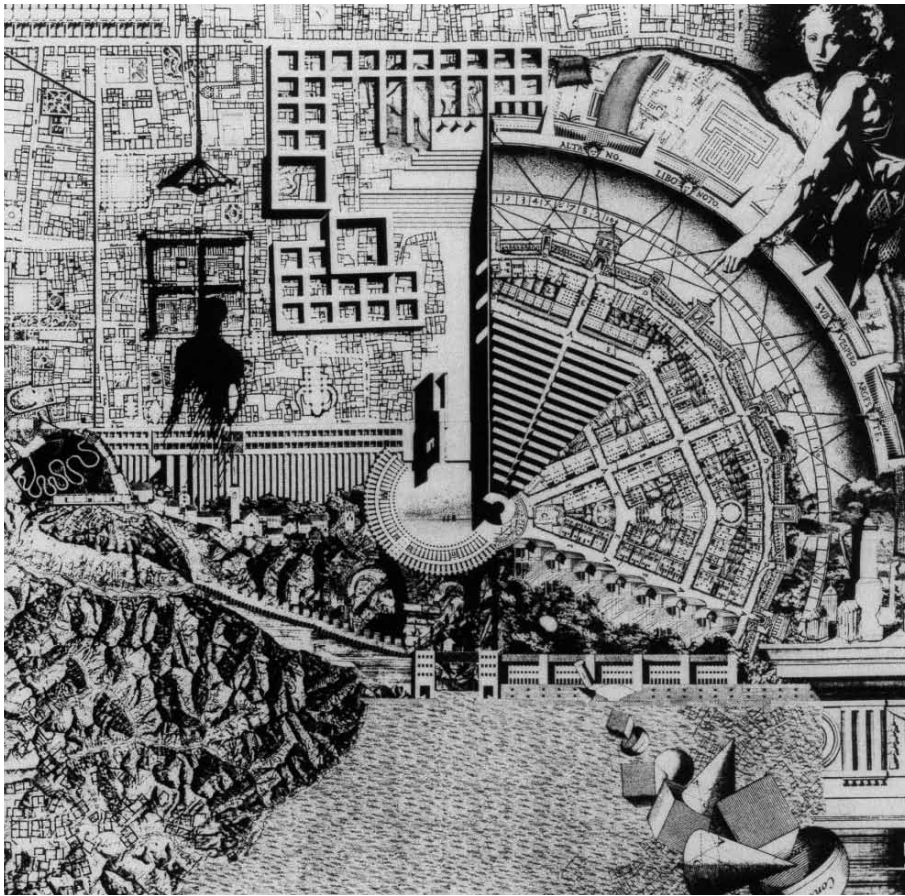


FIG.8 ALDO ROSSI, ERALDO CONSOLASCIO, BRUNO REICHLIN, FABIO REINHART, *LA CITTÀ ANALOGA*, 1976.



FIG.9 A AVENIDA DO PENSAMENTO CRÍTICO, QUE LIGA A PRAÇA DA AUTONOMIA AO ROSSIO DAS CLASSES SOCIAIS.

PARTE 4

A PRAÇA DA AUTONOMIA, REABILITAÇÃO URBANA.

[33]

Apresentadas que estão estas três ordens temáticas, constatamos que são diferentes. Têm muitos elementos que sendo comuns que, não são equiparáveis porque se desenvolvem em escalas diversas, perspectivam-se de acordo com contextos sociais e culturais igualmente diferenciados. São, sem qualquer dúvida, convergentes. Há um claro ponto de convergência para o qual elas também concorrem, embora de modo não exclusivo. Há também outras possibilidades de convergência, que não estão aqui enunciadas. Há outras contribuições, oriundas de outras frentes, acerca das quais não nos detivemos. Esse ponto de convergência é a condição contemporânea da autonomia da Arquitectura. É um ponto para o qual confluem as artérias urbanas aqui enunciadas. É uma praça, a Praça da Autonomia. Nas partes I, II e III, detivemo-nos sobre os principais ductos que alimentam actualmente a autonomia, fornecem-lhe coerência, reconhecimento, identidade e, sobretudo, robustez ontológica. Feita essa reflexão, ensaiaremos nesta IV parte um conjunto de considerações elucidativas da condição acima referida.

Usando uma *blague* decorrente de falsos amigos linguísticos, perdidos algures nos meandros das traduções, quando Umberto Eco escreveu *La Struttura Assente* — ausente, em português — em 1968, logo houve uns estruturalistas empedernidos que achavam que, finalmente, a metodologia de análise estrutural era uma coisa “assente”, já não sofria contestação. Assim também a autonomia da Arquitectura, parece-nos muitas vezes uma coisa “assente”, não nos preocupamos com ela porque pensamos — um pouco abulicamente, diga-se — que ela está “assente”, quando na verdade está ausente. Falamos amiúde dessa autonomia, é certo, o que me faz pensar no sentido reverso que, quando nos referimos frequentemente a uma determinada coisa, é porque ela não está tão segura quanto deveria estar.

Quanto mais se fala de Pátria, menos pátria há, como nos lembra Winfried Georg Sebald a propósito da literatura austríaca, acrescentando que esse é um conceito que está em relação inversa com aquilo a que se refere, o que não é raro²⁸. Pois também o conceito de autonomia da Arquitectura nos parece, em certa medida, em relação inversa com aquilo a que se refere, e as artérias urbanas atrás meta-

²⁸
W. G. Sebald, *Pátria Apátrida*, Lisboa, Teorema, 2010 (Trad. Telma Costa), 1ª. Ed. 1991.

foricamente enunciadas procuram servir para melhor esclarecer os sentidos dessa inversão. Nada melhor que a carta de uma cidade para nos orientarmos quando nos começamos a sentir um pouco perdidos, ou seja, quando nos sentimos isolados dos nossos sistemas primordiais de referência.

Considerando então a autonomia como uma praça — uma praça central para a qual concorrem algumas outras frentes/artérias da cidade — a primeira coisa a dizer é que, como qualquer outra praça em qualquer outra cidade, essa autonomia não significa nada em si mesma. Só tem significado quando inserida no sistema mais vasto que lhe dá forma, espessura e conteúdo social. Assim, a autonomia da Arquitectura não pode ter qualquer sentido que se encerre em exclusivo dentro da sua carapaça disciplinar. O sentido da autonomia da Arquitectura só existe dentro de um sistema, que é um sistema de regulação e de funcionamento da Polis. É, portanto, dentro do sistema político — que não o da política — que temos de encontrar a autonomia da Arquitectura.

O que aconteceu ao chamado progresso científico foi um processo de encerramento dentro de si próprio, ou seja, no princípio e por princípio, ninguém poderia duvidar da sua “bondade”, por assim dizer, mas depois foi-se tornando bom, “em si mesmo”, embora utilizado pelos sistemas sociais para fins acerca dos quais essa “bondade” já não existia. Ou seja, a tecnologia foi considerada um meio em si mesma, substancialmente “neutra” em relação às finalidades. É concordância generalizada, quase do senso comum, que a fantasia do controlo total sobre os nossos desejos, sobre os objectos e sobre as circunstâncias é um absurdo completo. No entanto, a ideia de controlo total subsiste como motor escondido do desenvolvimento tecnológico contemporâneo. Castoriadis explica-nos que esse controlo das “coisas” consiste em isolar factores separados e assim contribuir para circunscrever os “efeitos” da acção e, a despeito de cada vez mais encontrarmos cientistas a questionar as possibilidades de sucesso desse método, a verdade é que ele continua a dominar por completo os procedimentos tecno-científicos²⁹.

Para além do mais, no actual sistema neocapitalista de globalização dos mercados, esses procedimentos instalaram-se e acomodaram-se no plano ideológico como mediação que substitui, com êxito pleno, os antigos determinismos de ordem religiosa ou mítica. A tecnologia serve o desenvolvimento tecnológico e o desen-

²⁹
Cornelius Castoriadis, *Op. Cit.*, pp. 192-195.

volvimento tecnológico serve a tecnologia. Toda a actividade humana, veiculada pelo sistema demo-liberal devidamente esvaziado de conteúdos sociais e políticos, deve concorrer para esse dogma absoluto.

[35]

O domínio sobre a matéria e sobre o território parece aproximar a Architectura desse método e desses processos mas, na verdade, isso só acontecerá se alguma vez a afastarmos da sua autonomia, conquistada a partir de dentro do sistema político e social — em síntese da *Utilitas* e da *Venustas*. Essa é a razão pela qual a Praça da Autonomia tem que ter um lugar central na cidade-Architectura. É uma autonomia conquistada por dentro da política que se liberta historicamente do sistema da política.



FIG.10 A VCD-LT, VIA CIRCULAR DEMO-LIBERAL DAS TECNOLOGIAS.

*Come i poveri povero , mi attacco
come loro a umilianti speranze,
come loro per vivere mi batto*

*ogni giorno. Ma nella disolante
mia condizione di deseredato,
io possedo: ed è il più esaltante*

*dei possessi borghesi, lo stato
più assoluto. Ma come io possedo la storia;
essa mi possiede; ne sono illuminato:*

ma a che serve la luce?

Pier Paolo Pasolini
Le ceneri di Gramsci

LISTA DE CRÉDITOS E IMAGENS

1

António Olaio, *Fernando Távora*, óleo sobre tela, 73 x 73 cm, 1997. Cortesia António Olaio.

2

Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, Arquivo Fernando Távora, FIM/FT/0251-01-sld001.

3

Imagem de cidade imaginária criada pelo autor a partir do desenho do *Piano Regolatore della Città di Milano*, 1884-1889, do Urbanista Cesare Beruto (conhecido como Plano Beruto).

4

<http://america.pink/images/1/4/2/3/8/0/2/en/1-emil-kaufmann.jpg>

5

LEDoux, Claude-Nicolas, *L'Architecture considérée sous le rapport de l'art, des mœurs et de la législation*. Nördlingen, Verlag Dr. Alfons Uhl, 2 vol., 1984-87 [reimpr. anastática da ed., Premier volume, Paris, Chez l'Auteur, 1804, Second volume, Paris, Lenoir, 1847] Plate 75.

6

Imagem de cidade imaginária criada pelo autor a partir do desenho do *Piano Regolatore della Città di Milano*, 1884-1889, do Urbanista Cesare Beruto (conhecido como Plano Beruto).

7

<http://www.fondazionefeltrinelli.it/viaromagnosi-antonio-gramsci-e-la-grande-guerra-11-12-2015/>

8

Aldo Rossi, Eraldo Consolascio, Bruno Reichlin, Fabio Reinhart, *La città analoga*, tavola in «Lotus», n.13, 1976, pp. 4-7.

A imagem original, 200 X 200 cm foi apresentada na Bienal de Veneza de 1976.

9

Imagem de cidade imaginária criada pelo autor a partir do desenho do *Piano Regolatore della Città di Milano*, 1884-1889, do Urbanista Cesare Beruto (conhecido como Plano Beruto).

10

Imagem de cidade imaginária criada pelo autor a partir do desenho do *Piano Regolatore della Città di Milano*, 1884-1889, do Urbanista Cesare Beruto (conhecido como Plano Beruto).

AGRADECIMENTOS

O autor agradece à FBA e, em particular ao João Bicker e à Ana Soares a preciosa e competente ajuda na composição das imagens 3, 6, 9 e 10.

BIBLIOGRAFIA

- AURELI, Pier Vittorio,
The Project of Autonomy, New York, The Temple Hoyne Buell Center/ Princeton Architectural Press, 2008.
- BANDEIRINHA, José António,
"Emília e o Espelho do Siza ou a Incômoda Residência da Arquitectura / Emília and Siza's mirror or the uncomfortable residence of Architecture": *Jornal Arquitectos J.A.*, 234, 2009, pp. 64-75.
- BANDEIRINHA, José António (editor),
Fernando Távora Modernidade Permanente Permanent Modernity, s. l., Associação Casa da Arquitectura, 2012.
- BANDEIRINHA, José António,
O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2007.
- BANDEIRINHA, José António Oliveira,
Quinas Vivas Memória Descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40, Porto, FAUP Publicações, 1996.
- BENJAMIN, Walter,
The Arcades Project [transl. by Howard Eiland and Kevin MacLaughlin], Cambridge, Mass./London, The Belknap Press of Harvard University Press, 1999.
- BOURSEILLER, Christophe,
Histoire Générale de l'Ultra-gauche, Paris, Denoël, 2003.
- CASTORIADIS, Cornelius,
Philosophy, Politics, Autonomy Essays in Political Philosophy, New York, Oxford University Press, 1991.
- COSTA, Alexandre Alves,
Alexandre Alves Costa. Candidatura ao Prémio Jean Tschumi Prize Nominee UIA 2005, Lisboa, Ordem dos Arquitectos/Caleidoscópio, 2005.
- COSTA, Alexandre Alves,
"Alguns Fragmentos": AA. VV., *Fernando Távora*, s.l., Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho, s.d. (2ª. Ed.), pp. 59-62.
- COSTA, Alexandre Alves,
"Architecture Portugaise Essai de description de son processus": AA.VV., *Points de Repere Architectures du Portugal*, Bruxelles, Europalia, 1991.
- COSTA, Alexandre Alves,
Textos Dados, Coimbra, eldarq, 2007.
- DAL CO, Francesco,
"Introducción: Hannes Meyer y la 'venerable escuela de Dessau'": MEYER, Hannes, *El Arquitecto en la Lucha de Clases y otros escritos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1972.
- DICKENS, Peter,
"The Hut and the Machine Towards a Social Theory of Architecture, *AD Architectural Design*, 51, 1/2, 1981, pp. 18-24.
- ESPOSITO, Antonio;
LEONI, Giovanni, *Fernando Távora opera completa*, Milano, Electa, 2005.
- FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos,
Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola, Guimarães, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, Tese de Doutoramento em Arquitectura, Área de Conhecimento de Teoria e Projecto, 2010.
- FL [Fernando Luis Távora],
"O Problema da Casa Portuguesa": *Aleo*, S. 4, Ano 4, 9, 1945.
- GADAMER, Hans-George,
O Problema da Consciência Histórica, V. N. de Gaia, Estratégias Criativas, 1998 (1ª. Ed. Publications Universitaires de Louvain e Éditions Béatrice- Nauwelaerts, 1963).
- GIEDION, Sigfried,
Space, Time and Architecture The growth of a new tradition, Cambridge Mass./ London, Harvard University Press, 2008 (1ª. Ed. 1941).
- GRAMSCI, Antonio,
Le Opere La prima antologia di tutti gli scritti (A cura di A. Santucci), Roma, Editori Riuniti, 1997.
- GRAMSCI, Antonio,
Il Materialismo Storico e la filosofia di Benedetto Croce (Introduzione di Luciano Gruppi), Roma, Editori Riuniti, 1975.
- KAMINER, Tahl,
Architecture, Crisis and Ressuscitation The reproduction of post-Fordism late-twentieth-century architecture, London/ New York, Routhledge, 2011 (1ª. Ed. 2001).
- KAUFMANN, Emil,
De Ledoux à Le Corbusier Origine et Développement de l'Architecture Autonome, Paris, Éditions de La Villette, 2002 [Traduction de l'Allemand de Guy Ballangé avec la collaboration de Ruth Ballangé] (1ª. Ed. Von Ledoux bis Le Corbusier Ursprung und Entwicklung der Autonomen Architektur, Viena/ Leipzig, Rolf Passer, 1933).
- LEDoux, Claude-Nicolas,
L'Architecture considérée sous le rapport de l'art, des mœurs et de la législation. Nördlingen, Verlag Dr. Alfons Uhl, 2 vol., 1984-87 [reimpr. anastática da ed., Premier volume, Paris, Chez l'Auteur, 1804, Second volume, Paris, Lenoir, 1847].
- MERTINS, Detlef,
"Transparency Autonomy and Relationality": *AA Files*, 32, 1996, pp. 7-8.
- MESQUITA, Ana Raquel da Costa,
O melhor de dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão. Diário 1960, Coimbra, Dissertação de Mestrado em Arquitectura Território e Memória apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007.
- MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto,
O Ensino Moderno da Arquitectura. A Reforma de 57 a as Escolas de Belas-Artes em Portugal (1931-69), Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Coimbra, 2011, 2 vols. (documento policopiado).
- PASOLINI, Pier Paolo,
Le ceneri di Gramsci, Milão, Garzanti, 1976.
- PEREC, Georges,
Espèces d'espaces, Paris, Éditions Galilée, 1974.
- RANCIÈRE, Jacques,
Le partage du sensible: esthétique et politique, Paris, La Fabrique, 2008.
- ROSSI, Aldo,
L'Architettura della Città, Padova, Marsilio Editori, 1966. Trad. Portuguesa, ROSSI, Aldo, *A Arquitectura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmos, 1977 (Tradução, José Charters Monteiro e José da Nóbrega Sousa Martins).
- ROSSI, Aldo,
A Scientific Autobiography, Cambridge, Mass./ London, The MIT Press, 1981.
- TAFURI, Manfredo (una lezione di),
La Dignità dell'Attimo Trascrizione multimediale di Le forme del Tempo: Venezia e la Modernità, Venezia, PL IUAV, 1994.
- TAFURI, Manfredo,
"Per una critica dell'ideologia architettonica": *Contropiano*, 1, 1969; mais tarde reelaborado em TAFURI, Manfredo, *Progetto e Utopia*, Bari, Laterza & Figli, 1973; tradução portuguesa, *Projecto e Utopia*, Lisboa, Editorial Presença, 1985.
- TAFURI, Manfredo,
Teorie e storia dell'architettura, Bari, Laterza, 1968; tradução portuguesa, *Teorias e História da Arquitectura*, Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- TAFURI, Manfredo,
Sfera e il labirinto Avanguardia e architettura da Piranesi agli anni '70, Torino, G. Einaudi, 1980; tradução inglesa, TAFURI, Manfredo, *The Sphere and the Labyrinth: Avant-gardes and Architecture from Piranesi to the 1970s*, Cambridge, Mass, The MIT Press, 1987.
- TAFURI, Manfredo (a cura di),
Vienna Rossa La politica residenziale nella Vienna socialista 1919-1933, Milano, Electa, 1980.

- TÁVORA, Fernando,
"Arquitectura e Urbanismo. A Lição das
Constantes": *Lusíada Revista Ilustrada de Cultura*,
vol. 1, 2, 1952, pp. 153-157; depois reeditado em
MENDES, Manuel (Direcção editorial), *Teoria geral da
Organização do Espaço. Arquitectura e Urbanismo. A lição das constantes*, Porto, FAUP Publicações, 1993.
- TÁVORA, Fernando,
Da Organização do Espaço, Porto, FAUP Publicações,
1996 (1ª. Ed. 1962).
- TÁVORA, Fernando,
Diário de "bordo", Coordenador Álvaro Siza, Editor
Rita Marmoto, Porto, Associação Casa da Arquitectura,
2012 (2 Vols.).
- TÁVORA, Fernando,
*Memória Descritiva da Escola Primária da Quinta do
Cedro*, 1961.
- TÁVORA, Fernando,
O Problema da Casa Portuguesa, Lisboa,
Editorial Organizações, colecção "Cadernos de
Arquitectura", 1947.
- TEYSSOT, Georges,
"Neoclassical and 'Autonomous' Architecture: the
Formalism of Emil Kaufmann": Andreas C Papadakis,
AD Architectural Design, 51, 6/7, 1981, pp. 25-29.
- TEYSSOT, Georges,
"Um 'retrato' de Tafuri": Georges Teyssot, *Da Teoria
da Arquitectura Doze Ensaios*, Lisboa Edições, 2010,
pp. 281-293.
- TRIGUEIROS, Luiz (editado por),
Fernando Távora, Lisboa, Editorial Blau, 1993.
- VIDLER, Anthony,
"Asylums of libertinage Sade Fourier Ledoux": *Lotus
International*, 44, 1984, pp. 28-40.
- VIDLER, Anthony,
*Claude Nicolas Ledoux Architecture and Utopia in the
Era of the French Revolution*, Basel/ Berlin/ Boston,
Birkhäuser, 2006.
- VIDLER, Anthony,
*Histories of the Immediate Present: Inventing
Architectural Modernism, 1930-1975*, Proefschrift
ter verkrijging van de graad van doctor aan de
Technische Universiteit Delft, 2005.
- VIDLER, Anthony,
*The Architectural Uncanny Essays in the Modern
Unhomely*, Cambridge, Mass./ London, The MIT Press,
1999 (1ª Ed. 1992).
- VIDLER, Anthony,
"The Third Typology": *Oppositions*, 7, 1977, pp. 1-4.
- VIDLER, Anthony,
*Warped Space Art, Architecture, and Anxiety in
Modern Culture*, Cambridge, Mass./ London, The MIT
Press, 2001 (1ª Ed. 2000).
- VIRILIO, Paul,
Défense Populaire et Luttes Écologiques, Paris,
Gallilée, 1978.
-

FICHA TÉCNICA **EDITOR:** Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva
APOIO: Universidade do Porto
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Paula Abrunhosa

DESIGN: miguelfreitasdesign

IMAGENS: Pesquisa e selecção:
Cedência:

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: (a seleccionar)

1ª edição 2017

Depósito legal: (a indicar pela gráfica)

ISBN:

© Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva e José António Bandeirinha

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por processo mecânico, electrónico ou outro sem autorização escrita do editor.

Texto da conferência proferida a 23 de Outubro de 2014 no Auditório Fernando Távora da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

FUNDAÇÃO INSTITUTO ARQUITECTO JOSÉ MARQUES DA SILVA

Praça Marquês do Pombal, nº 30-44. 4000-390 Porto, Portugal
www.fims.up.pt

JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

(Coimbra, 1958).

É arquitecto pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1983).
Exerce profissionalmente e é Professor Catedrático do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em 2002 com uma dissertação intitulada *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Tomando como referência central a arquitectura e a organização do espaço, tem vindo a dedicar-se ao estudo de diversos temas correlatos — cidade, habitação, teatro, cultura. Publica regularmente e é autor de diversos livros e de algumas dezenas de artigos.

Foi presidente da Comissão Científica do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (2002-2004 e 2006-2007).

Foi Pró-Reitor para a Cultura da Universidade de Coimbra (2007 a 2011).

Foi Director do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2011-2013).

Foi Comissário da Exposição Fernando Távora Modernidade Permanente, cujo coordenador foi Álvaro Siza, integrada em Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012.

Foi Consultor Científico da Exposição *O Processo SAAL Arquitectura e Participação 1974-1976*, comissariada por Delfim Sardo e organizada pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves em colaboração com o Canadian Centre for Architecture, Montréal, Canadá. (2014-2015).

É investigador do Centro de Estudos Sociais.

José António Bandeirinha tem vindo a trabalhar regularmente sobre as consequências urbanas e arquitectónicas das práticas políticas, com especial incidência no Século XX português.

“ARQUITECTURA A PRAÇA DA AUTONOMIA E O BOULEVARD DA EPISTEMOLOGIA, PENSAMENTO CRÍTICO”

Propõe-se uma reflexão sobre a autonomia da Arquitectura. Embora a incidência dessa reflexão seja sobre o momento presente, convocar-se-ão, essencialmente, argumentos de ordem histórica, que possam ajudar a perspectivar as bases, mais ou menos profundas, da circunstância contemporânea.

As bases da autonomia contemporânea não se perfilam de modo sistemático, progressivo, não se equivalem em escala e são, por isso, de difícil comensurabilidade. Para além disso, também não se enquadram em jogos de equivalência harmónica, são urdidas em tecido espesso, embora de malha irregular e de acordo com padrões muito dispares, construídos ao longo do tempo em circunstâncias históricas igualmente diversificadas.

Tal como numa cidade, essas bases sobre as quais assenta a ideia contemporânea de autonomia cruzam-se com outros tecidos, com outras áreas do saber, mais ou menos convergentes, mais ou menos distantes. Por essa razão, é a própria metáfora da cidade a ser usada como recurso para enquadrar essa complexa textura de contribuições para o entendimento da autonomia da Arquitectura, na actualidade.



Fundação
**MARQUES
DA SILVA**

APOIO

 **PORTO**

 **ESCALONAR DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DO PORTO**